

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Pau d'Alho

código
AIII - F11 - Val

localização
Estrada VL-29, distrito-sede

município
Valença

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A fazenda está localizada no Km 82 da rodovia RJ-145, próxima à Fazenda Santa Rosa. Em local privilegiado, contornado por vales e próximo ao Rio das Flores, o que possibilitou a feitura de uma represa e, mais tarde, a construção de uma usina hidrelétrica.



66



69



02

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007
Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias
Adriano Novaes / Fernando Pozzobom

revisão / data
Alberto Taveira - mar 2008

Devido à topografia do sítio, a casa-sede se encontra num ponto elevado, apresentando características de casarão de um pavimento com porão habitável, sendo clara a existência de anexo, acoplado ao corpo principal, destinado aos cômodos de serviço.

À frente da casa-sede existe um extenso gramado, onde outrora teria sido o terreiro de secagem do café. Após o anexo de serviço da casa-sede encontramos a antiga tulha, originalmente em formato de “L”, coberta por um telhado de três águas.

Afastado, e em cota abaixo do nível do terreiro de café, está localizado o estábulo para criação de gado, principal atividade econômica depois da derrocada do café. Trata-se de um exemplar com tipologias construtivas típicas do período do café, como embasamento em pedra, alvenarias de pau-a-pique e estrutura autônoma de madeira, possivelmente um remanescente de um engenho. Apesar de estar descaracterizado, devido à mudança de uso com a criação de gado.

Baseado nessas informações não podemos afirmar que o tipo de ocupação predominante em que a casa-sede “fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas”¹ foi adotado como modelo.

1. Miranda, A. R., Czajkowski, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



67



79

De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede, divididas em cinco categorias, extraídas do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a Fazenda Pau d’Alho se enquadra no 5º tipo: “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances, levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiada sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou habitável – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe, mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o *piano nobile*, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor”.

No caso dessa fazenda, há uma escada paralela à fachada frontal (f.02 e 06). Essa característica é fruto da topografia do sítio onde está implantada a casa-sede, caracterizado por uma certa elevação. Por esse motivo, a edificação configura-se como um casarão de um pavimento com porão habitável, mantendo planta com formato de “L”, sendo coberta por telhados de duas e quatro águas.

A casa-sede apresenta estrutura autônoma de madeira de seção quadrada, com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique e adobe. Não foi realizada prospecção que comprove essas afirmações, mas as mesmas foram constatadas através do afloramento da estrutura autônoma de madeira, da alvenaria de embasamento em pedra aparente e de um trecho da alvenaria de pau-a-pique, também aparente.

Se analisarmos a história da fazenda, poderemos concluir que a edificação não teve função social como residência fixa de seus proprietários, o que somente ocorreu a partir de meados do século XX, anteriormente sendo utilizada somente para trabalho. Tal fato transparece na volumetria da edificação, expressando uma maneira de construir despreziosa e primordialmente prática, com a introdução de um anexo acoplado ao corpo principal. Esse anexo destina-se, até hoje, aos compartimentos de serviço e é constituído por um bloco retangular coberto por um telhado de duas águas.



02



03



04

O acesso ao interior da residência se dá através da sala de estar e copa, além de duas entradas localizadas no porão habitável.

A partir de meados do século XX ocorrerão sucessivas alterações, com o intuito de adaptá-la às necessidades de moradia, dentre elas a inserção de nova escada de acesso ao porão; demolição de várias alvenarias históricas e construção de novas alvenarias para criação dos compartimentos para quartos e banheiros, discriminados no diagnóstico do estado de conservação.

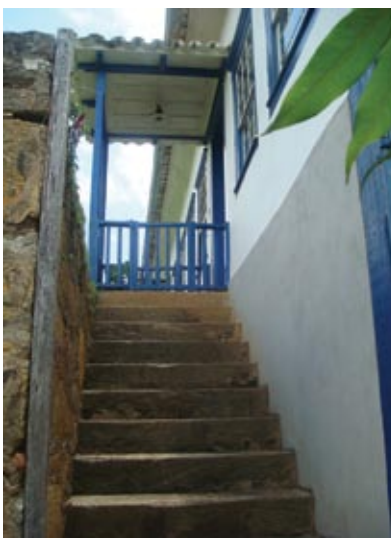
À frente da casa-sede existe um extenso gramado, onde outrora teria sido o terreiro de secagem do café. Após o anexo de serviço da casa-sede encontramos a antiga tulha, originalmente em formato de “L”, coberta por um telhado de três águas. Devido ao péssimo estado de conservação em que se encontrava, parte desta tulha, no trecho próximo à ala de serviço, foi demolida. Hoje, encontra-se descaracterizada, devido às várias intervenções ocorridas no decorrer do tempo.

Afastado e em cota abaixo do nível do terreiro de café, está localizado o estábulo para criação de gado, principal atividade econômica depois da derrocada do café. Trata-se de um exemplar com tipologia construtiva típica do período do café, como embasamento em pedra, alvenarias de pau-a-pique e estrutura autônoma de madeira, configurando, possivelmente, o remanescente de um engenho, apesar de estar descaracterizado devido à mudança de uso para criação de gado. A edificação é constituído por dois blocos retangulares cobertos por telhados de três e quatro águas.

Os vãos de portas e janelas mantém esquadrias de madeira, em verga reta, com sobrevergas nas esquadrias localizadas na casa-sede. As janelas apresentam folhas cegas com guilhotinas em caixilhos de vidro e as portas possuem folhas cegas, algumas com bandeira e outras sem.



68



80



81

Observou-se a descaracterização das fachadas, devido à execução de várias intervenções, como: aberturas de novos vãos, fechamento de vãos, construção de acréscimos (f.02, 03, 04, 05, 06 e 07).

Foi construída nova escada externa de acesso à cozinha no pavimento superior (f.08 e 09).

As instalações elétricas foram embutidas na alvenaria histórica da casa-sede, com utilização de argamassa de cimento para fechamento do rasgo. Na tulha, ala de serviço e construção para criação de gado, as instalações elétricas acham-se sem proteção (f.10, 11, 12 e 13).

Foi encontrado contra-piso em concreto e aterro manual no porão da casa-sede e na ala de serviço, bem como execução de laje e viga em concreto armado na copa e nos banheiros da casa-sede B1 e B2 (f.14 e 15).

No embasamento da casa-sede notou-se, internamente, a presença de bolhas nas partes baixas das paredes no porão (f.16, 17 e 18). Na ala de serviço, tulha e estábulo para o gado, existem, externamente, vazios na alvenaria de embasamento em pedra, substituídos por tijolo maciço (f.19, 20 e 21).

Notou-se a construção de novas alvenarias e a demolição de outras originais em vários cômodos da casa-sede (f.22, 23, 24, 25, 27 e 28). Preocupante, ainda, na casa-sede, é a presença de fissuras em vários cômodos (f.29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43 e 44). Percebeu-se também o descolamento do reboco no porão e salão, ao lado da copa (f.45, 46 e 47).

Na ala de serviço, tulha e estábulo para o gado, foram observadas a construção de novas alvenarias e a demolição de várias outras (f.48, 49 e 50), muitas apresentando a presença de fissuras (f.51, 52, 53 e 54). Nas áreas sem revestimento de argamassa de cal, há degradação rápida das alvenarias históricas (f.55, 56, 57, 58, 59, 60, 61).

A cobertura da casa-sede apresenta estrutura de madeira com trechos apodrecidos, beiral descaracterizado e substituição de telhas cerâmicas (bica) (f.62, 63, 64, 65, 66, 67 e 68), além de manchas de umidade descendente (f.69).

Na ala de serviço, tulha e estábulo para o gado, a estrutura de madeira mantém trechos apodrecidos e a presença de telhas quebradas (f.70 e 71).

Em parte da estrutura de madeira da casa-sede foram reaproveitadas madeiras de outra edificação, com a inserção de peças com seção estrutural de menores dimensões (f.72 e 73). Foi notada a substituição de trecho do esteio apodrecido por base em pedra (paralelos) e a inserção de chapa metálica (f.74), notando-se ainda a presença de peças de madeira em péssimo estado de conservação como esteios e vigas (f.75 e 76). Já na ala de serviço, tulha e estábulo para o gado, há peças de madeira, como esteios e vigas, em péssimo estado de conservação (f.77 e 78).



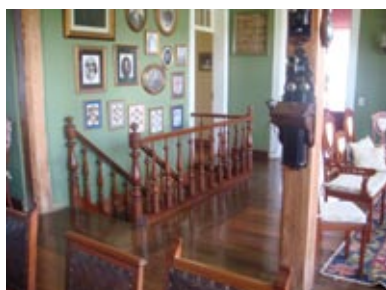
05



06



07



09



08



10



11



12



13



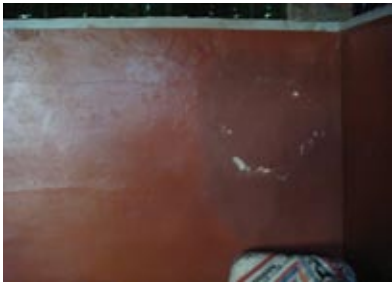
14



15



16



17



18



19



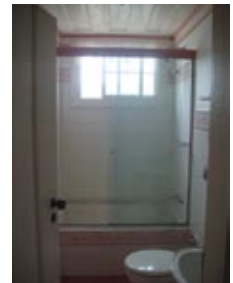
20



21



22



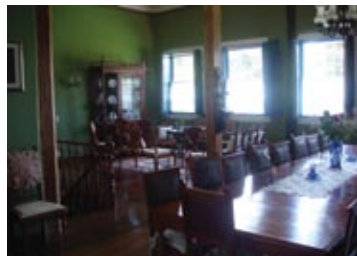
23



24



25



26



27



28



29



35



45



46



47



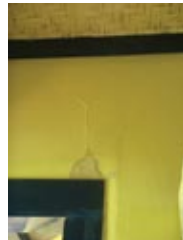
48



49



50



51



52



53



54



55



56



57



58



59



60



61



62



63



64



65



70



71



72



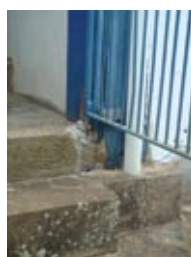
73



74



75



76



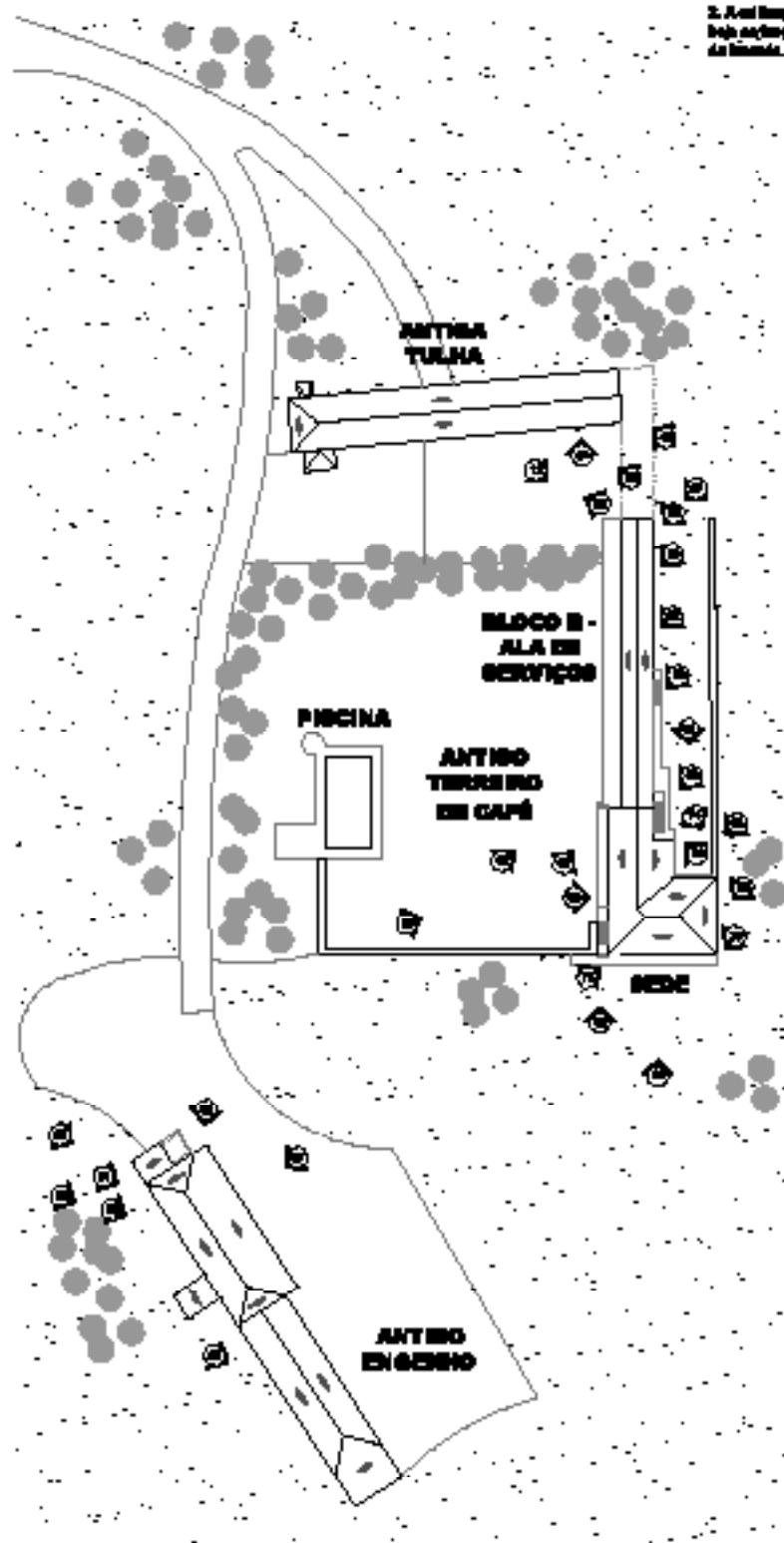
77



78

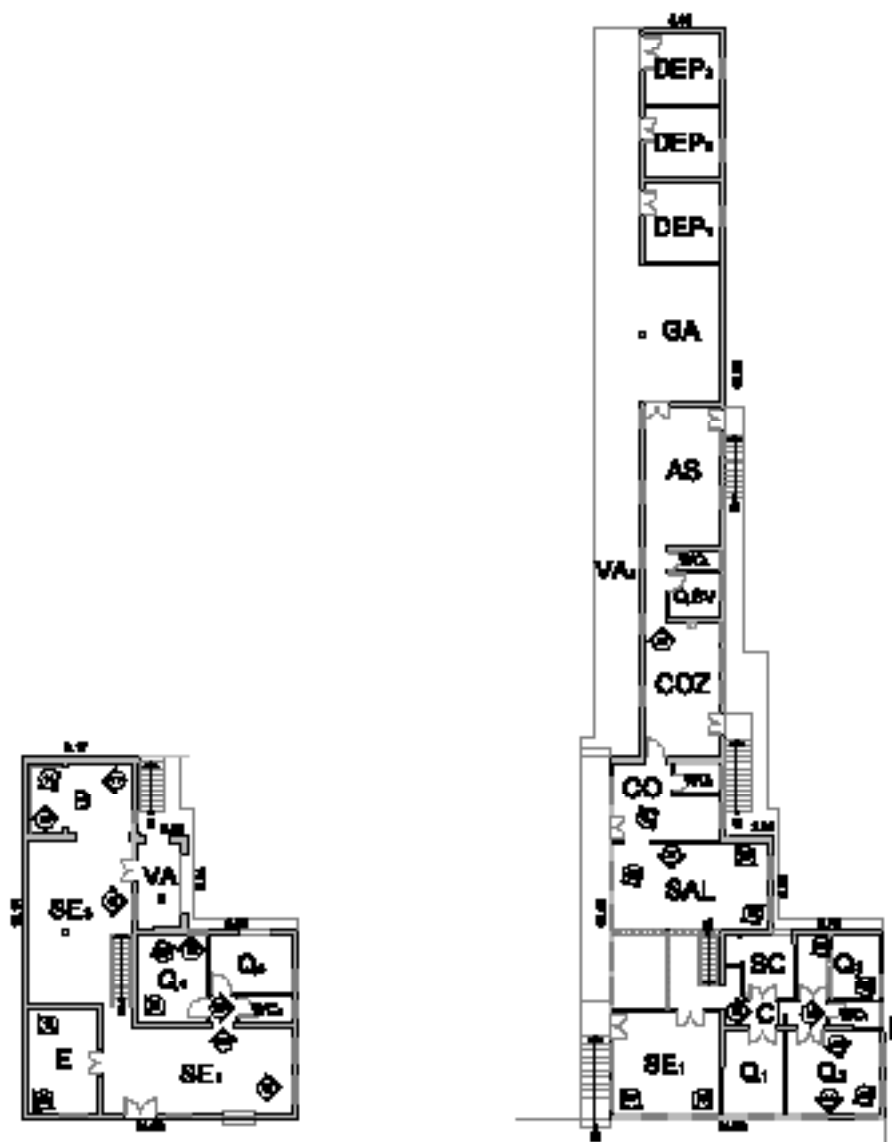
Observações:

1. O projeto segue as orientações e o plano-geral-geral da planta geral;
2. Foi feito estudo de origem e de origem de água e drenagem de acordo com a realidade da fazenda.



FAZENDA PAU D'ALHO
 F. de Pau d'Alho - Município: 91000





FAZENDA PAU D'ALHO
Fazenda Pau d'Alho - Folia - escala: 1/400

FAZENDA PAU D'ALHO
Fazenda Pau d'Alho - Ala Social e de Banho - Típo - escala: 1/400

AS - área de serviço	CO - cozinha	SE - sala de estar	QSV - quarto de serviço	WC - sala de vestir	----- aberturas abertas
B - banheiro	COZ - cozinha	SA - garagem	SA - sala	VA - varanda aberturas fechadas
CI - sala de jantar	DEP - depósito	Q - quarto	SC - sala de jantar	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		Al II - F11 - Val		2/2	
arquiteto: Tânia N. Kashhecura/ Ana Vivian Baurista/ Paulo Ariel G. Dias		desenhista: Tânia N. Kashhecura		data: Franciely Bousquet nov 2007	

A Fazenda do Pau D'Alho teve origem nas terras da sesmaria de Joaquim Marques da Silva e sua mulher, D. Faustina Angélica de Moura, denominada Cachoeira de Santa Rosa.

Sua excelente localização geográfica, nas proximidades da Aldeia de Valença, facilitou sua abertura, ainda em princípios do século XIX, sendo, assim, uma das pioneiras na zona da recém-fundada aldeia.

Em 1835, a viúva D. Faustina vendeu parte das terras da Fazenda Pau D'Alho ao comendador José da Silveira Vargas. Silveira Vargas foi Comendador da Ordem da Rosa e seria, em 1826, o primeiro presidente da Câmara Municipal de Valença e um dos maiores animadores de seu progresso. Vargas inaugurou em Valença um período de importantes realizações, sendo responsável pelo primeiro passo em prol da instauração do ensino primário na vila, da fundação da Santa Casa de Misericórdia e da construção da matriz de Nossa Senhora da Glória. Foi também pioneiro na vacinação antivariólica e na preservação do meio ambiente valenciano, combatendo ecologicamente as pragas que atacavam a lavoura de café.

Embora tenha feito de sua Pau D'Alho um importante empreendimento agrícola, em cuja propriedade trabalhavam cerca de 170 escravos, Vargas não se dedicou com afinco às atividades da lavoura cafeeira. Era político e capitalista, sendo, na época, um dos maiores acionistas do Banco do Brasil. Ao morrer, em 1861, deixou um capital acumulado em 1.016:494 # 974 de contos de Réis.

Após a morte de Vargas, a fazenda ficou em poder da viúva, D. Maria Joaquina da Silveira e os seis filhos do extinto casal, D. Bárbara, D. Carolina, D. Placidina, Custódio, Antônio e Alexandre, cuja administração da fazenda a este último caberia.

Luís Damasceno Ferreira, filho de D. Placidina e do comendador João Damasceno Ferreira, nesta época estudava Medicina no Rio de Janeiro. Abandonou o curso e foi para Valença administrar a fazenda dos pais e tios que se encontrava com sua economia abalada. Damasceno, ilustre autor da "História de Valença", dirigiu a fazenda até 1897, quando foi esta vendida ao comerciante italiano Vito Pentagna, que já era proprietário, nesta ocasião, da vizinha Fazenda Santa Rosa.

Em 1878, Nicolao transferiu-se para Valença, onde se tornou sócio do português Manuel Pereira Sampaio, na casa comercial "Pentagna & Sampaio", constituindo uma das maiores da região. Logo depois chegaram a Valença os outros irmãos, Vito e Caetano. Vito trabalhou como tropeiro entre o sul de Minas e Valença. Não tardou e entrou para sócio da firma "Pentagna & Sampaio" e seu nome não demorou a ser sinônimo de líder comercial. Em seguida, tornou-se proprietário da Fazenda de Santa Rosa.

Após a morte de Vito, em 1914, a fazenda passou às mãos da viúva, Urbana de Castro Pentagna. Esta legou, após sua morte, em 1940, a fazenda ao filho, Dr. Savério Pentagna, advogado, industrial e político.

O atual proprietário é Humberto Vito Ribecco Pentagna, único filho varão do Dr. Savério, que desde cedo dedicou grande interesse à fazenda, colocando-se, logo que a idade o permitiu, à frente de sua administração. Para assisti-la de forma mais completa, buscou formação profissional adequada, tornando-se engenheiro agrônomo. Em plena atividade, Humberto já tem sua continuidade assegurada em sua filha Carla Pentagna, quarta geração da família na fazenda, um fato raro nos dias atuais.

A principal atividade econômica da Fazenda Pau D'Alho sempre foi o café que, aos milhares de pés, cobria seu vasto solo, abarrotando de grãos as grandes tulhas. A libertação dos escravos e a conseqüente decadência da lavoura cafeeira em todo o estado transformaram, como na maioria das fazendas da região, seus cafezais em pasto para o gado. Nos anos 60, voltou-se ao plantio original do café.

Em suas terras, além dos pastos para o gado bovino, há plantações de milho e feijão e uma grande variedade de árvores frutíferas. Encontramos também belas quedas d'água, sendo digna de nota, por seu valor histórico e magnificência, a Usina Hidrelétrica Vito Pentagna, cuja barragem, que represa o Rio das Flores, foi inaugurada em 1943, em substituição a uma antiga existente. Responsável pelo fornecimento de energia da Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa, esta usina atendeu também a particulares em Valença. Com uma localização privilegiada, em meio a um cenário de grande beleza natural, inspirou uma justa homenagem da internacionalmente famosa Rosinha de Valença, que compôs "Usina de Prata", interpretada pelo cantor Ney Matogrosso. Atualmente, Humberto e sua esposa, Aparecida Pentagna, recebem grupos de Turismo Cultural em visita orientada pela propriedade, recentemente recuperada pela família.

